

Violar corpos¹ *Ondina Machado*

Situando o tema

Violência é um substantivo que designa a 'qualidade de violento'. É derivado da raiz latina *vis* (força) que dá origem ao adjetivo *violento* e ao verbo *violare*, que tanto pode ser traduzido por violar como por coagir, profanar e transgredir. Etimologicamente violência é uma ação de força usada contra outra pessoa².

Não há uma definição sociológica, antropológica ou criminal para o que é violência. De modo geral, na forma simples, a palavra violência é usada para falar de um dano físico; quando o dano não é físico, usam-se formas compostas: violência moral, violência psicológica, violência de gênero e assim por diante. Pensando nessa extensão atual do termo, podemos classificar como violenta uma diversidade de ações, palavras ou mesmo simples gestos que abarcariam um mundo de coisas. Para complicar, teríamos também que contar com o testemunho daquele que teria sofrido a violência, pois não há gesto, ato ou palavra que por si só seja violento. No limite poderíamos colocar a morte, porém, mesmo ela, nas mãos de um bom advogado, revestida de motivos ideológicos ou nos países que admitem a eutanásia, pode ganhar outra conotação. Por outro lado, sabemos que as diferentes estruturas clínicas têm suas suscetibilidades e que há sempre um ponto insuportável na trama fantasmática de cada um que, ao ser tocado, mesmo acidentalmente, pode desencadear reações extremamente violentas.

Além da falta de definição e do uso corriqueiro da palavra violência, temos um outro fator complicador na tentativa de lidar com o tema. Não temos, na psicanálise, o conceito de violência, mas, desde Freud, a agressividade

faz parte de nosso estofo conceitual. Agressividade e violência não se equiparam, mesmo que algumas vezes sejam usadas como sinônimos. Trago algumas considerações sobre essa diferença a partir do título desta plenária: A violência nos corpos. Deste modo, abordarei a concepção de corpo correlativa à agressividade e tentarei demonstrar que a violência, como fenômeno social de nossa época, nos convoca a pensar outra forma de corpo.

Agressividade

A agressividade está ligada ao jogo das projeções produzidas no espelho que constituem o eu, o outro e o objeto, elementos que compõem a dialética das identificações. O investimento libidinal na imagem projetada produz o corpo sob a forma da totalidade, que captura e aliena o eu a essa imagem. Narcisismo foi a maneira como Freud chamou o resultado desse encantamento, que também é responsável por acharmos que somos o nosso corpo. A relação idílica entre o eu e sua imagem vai ser quebrada pela incidência dos significantes sobre o corpo. São eles que fragmentam a boa forma e, com isso, produzem um semelhante que contradiz nossas esperanças de uma relação harmônica. O desacordo entre a unidade imaginária e a incidência do significante incita, como diz Lacan, uma "concorrência agressiva"³. O transitivismo infantil, que atribui à pedra a causa da topada, demonstra a precoce apreensão do semelhante como ameaçador e a vocação paranoica do eu.

Foi no campo do eu, da alienação do sujeito à imagem de seu corpo e da ameaça à integridade imaginária que Freud tratou a animosidade entre os homens, seja ela manifesta na guerra, no parricídio, no ciúme ou na vingança. Podemos localizar em seus textos duas versões para a agressividade: uma egoica e outra superegoica. Na primeira, ele mostra o quanto a agressividade humana é diferente da animal,

contrariando assim as teses naturalistas que tentam justificar a hostilidade por um suposto instinto de preservação da espécie⁴. Fica claro que, no caso dos humanos, a agressividade tem a ver com os afetos envolvidos nas relações, não porque sejam bons ou maus, positivos ou negativos, amorosos ou hostis, mas porque toda relação humana é potencialmente agressiva. Esse potencial não chegou a dizimar a humanidade devido a uma característica dos afetos - eles são passíveis de serem recalçados. O recalçamento, então, mantém a agressividade no campo da fantasia, como um sentimento íntimo, tão íntimo que, na clínica, ele pode aparecer sob a forma do altruísmo ou da culpa, como formações reativas à agressividade.

Na concepção superegoica da agressividade podemos destacar tanto as considerações que aparecem em "Além do Princípio do prazer", de 1920, quanto as presentes em "O ego e o id", de 1923. No primeiro, Freud se depara com a tendência do homem à destruição e no segundo, ele vai mostrar que a agressividade aparece em resposta às exigências morais do supereu. Em ambas podemos perceber que há uma vinculação da agressividade com as pulsões do eu e de auto-conservação e se enquadram, portanto, na lógica da proteção. Porém, identifica-se também a incitação do supereu, relativa à pulsão de morte, que contraria essa lógica e leva o sujeito na direção do que Lacan chamará de gozo. É esse último aspecto que desenvolveremos a seguir e que nos parece estar mais ligado à violência.

Violência

A maldade humana, para Freud, seria um nome genérico para a natureza agressiva que tanto pode se dirigir ao outro como a si mesmo. Crimes e suicídios são praticados tendo por base a estrutura paranoica do eu, alguns deles servindo de solução para delírios e alucinações psicóticas ou como resposta neurótica à fantasia.

Coisa bem distinta, me parece, é a violência. Das poucas referências a ela em Lacan, uma orientou a pesquisa empreendida pelo Grupo de trabalho⁵ que se dedicou ao tema e gerou o relatório apresentado em uma das Conversações do VI ENAPOL⁶. Trata-se de um trecho do *Seminário 5* no qual Lacan critica a análise das resistências, prática corriqueira entre os pós-freudianos. Ele diz que a interpretação da resistência, além de não acabar com ela, faz com que o analista colabore com o sintoma. Não podemos esquecer que a resistência, nessa época, era entendida como um ataque ao tratamento e, por isso, ele faz questão de marcar a ambiguidade com que o termo agressividade era tratado. Esclarece que "a agressividade provocada na relação imaginária com o pequeno outro não pode confundir-se com a totalidade do poder agressivo".⁷ A violência, segundo ele, "é o que há de essencial na agressão" e que ela se distingue da fala: "o que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala." Tendo como princípio que o recalque somente opera sobre uma articulação significativa, Lacan vai questionar se a violência pode ser recalçada, tal como é a agressividade. Segundo ele, a agressividade é interpretável porque o assassinato do semelhante, latente na relação imaginária, foi recalcado.⁸

Nessa citação temos duas importantes indicações para pensar a violência, ambas ligadas ao significante: 1) sobre ela não recai a barra do recalque e 2) entre violência e fala há uma incompatibilidade.

O recalque só pode incidir sobre articulações significantes ou, para Freud, sobre as representações. São elas que, estando fora do campo da consciência, a ele retornam através das formações criadas pelo inconsciente a partir de restos dessas representações. Nesse sentido, o recalque e as formações construídas com o que dele escapam são produtos que visam à significação. A violência, no

entanto, não é feita da mesma matéria. Pensar que se há violência não há fala parece bem razoável, pois o ato violento se antecipa a qualquer enunciado. O inverso é que complica. Podemos dizer que quando há fala não há violência? Aí não. Freud foi enfático ao afirmar que pessoas cultas e povos civilizados não são garantia contra a violência.

Não é difícil entender porque o ato violento é incompatível com a fala: toda fala implica uma demanda ao Outro, enquanto o ato é fruto de uma certeza sem dialética, sem Outro. É por isso que Lacan pode afirmar que "nos confins onde a palavra se demite começa o domínio da violência"⁹, ou seja, o que não é recoberto pela articulação significativa pode aparecer como ato.

Tanto para Freud como para Lacan a pulsão age na surdina fazendo um limite à fala: muda, acéfala, constante, sempre se satisfazendo.

Freud deixou como pista a pulsão de morte e Lacan fez dela a pulsão, nem de vida nem de morte, simplesmente pulsão. Miller, por sua vez, enfatiza que a pulsão de morte, tal como Freud a descreve, é na verdade pulsão do supereu,¹⁰ por identificar na exigência do supereu o caráter necessário próprio à pulsão.

Essa passagem orientou, no Grupo de trabalho, o estudo dos crimes que não se inscrevem nem no circuito imaginário, chamados por Lacan de crimes do eu, nem no circuito simbólico, os crimes de autopunição ou crimes do supereu. Como paradigma, foi adotado o crime do isso,¹¹ que Miller renomeia como crime de gozo. Para esse autor, existem os crimes de utilidade, que de certa forma recobrem os crimes do eu e os de punição, nos quais a causa está fora dele, seja roubo, castigo ou vingança. Existem também os crimes de gozo, nos quais o objetivo é o próprio crime.¹² É por romper com a lógica da utilidade que o crime de gozo choca e faz crer que não há nenhuma causa implicada.

Dois corpos em um só organismo

Os crimes de utilidade, ou do eu, e os crimes de gozo demonstram duas concepções de corpo: uma mais ligada às relações imaginárias e sustentada pela unidade corporal e a outra marcada pela satisfação pulsional. Miller, para tratar do corpo como vivo, precisou distinguir dois corpos: o corpo-ego e o corpo-gozo. Há um só organismo que suporta "dois corpos distintos, dois corpos superpostos"¹³, sendo que um sabe o que é preciso para sobreviver e o outro recusa esse saber e suas consequências.

As diferentes concepções do corpo ao longo da civilização ocidental corroboram esta superposição, mas é perceptível que em cada época uma dessas posições prevalece. Na tradição das religiões monoteístas o corpo é uma obra divina, "templo de Deus", intocável e inescrutável. Na Idade Média foi chamado pelo Papa Gregório de "abominável vestimenta da alma"; tendo sido usado como objeto de sacrifícios e penitências¹⁴, que podemos ligar ao gozo como transgressão. No Renascimento, com os conhecimentos anatômicos, o corpo é investigado pelos cientistas e glorificado pelos artistas. O corpo máquina de Descartes separa mente e corpo, que somente se ligam por uma pequena ponte chamada glândula pineal. Como máquina, era um corpo sem vida. A Era Vitoriana impõe restrições severas aos prazeres advindos do corpo, tempos de recalçamento dos desejos. A psicanálise surge nesse contexto repressivo e Freud recebe críticas severas pela importância que dá à sexualidade de um modo geral e, em especial, à sexualidade infantil. No século XX, o corpo é tomado pela via do saber e assim, é estudado por diversos campos do conhecimento, do biológico ao social, da pedagogia à política.

Na nossa alvorada do século XXI o corpo pagão, liberado aos prazeres, virado ao avesso, nano-fragmentado,

manipulado geneticamente e, principalmente, inserido no mercado de consumo, está longe da sacralização. Ele é hoje um bem de consumo durável, com extenso prazo de validade, capaz de alta performance, ao qual devem ser oferecidas peças de reposição, *recall* e possibilitar a customização. É o corpo 'massinha de modelar'. De templo de Deus a templo do gozo, faria corar a rainha Vitória. Nos dias de hoje, o modo do corpo não disfarça sua vocação de substância gozante e, talvez por isso, ele se preste mais facilmente ao gozo pelo ato violento como resultado da ruptura do pacto simbólico.

O que me parece decisivo, no que tange a violência, é sua aproximação com a pulsão, quando se verifica seu aspecto necessário, acéfalo e irruptivo. A pulsão, hoje, se manifesta num contexto em que a satisfação alternativa "não eleva o objeto à dignidade de Coisa"¹⁵. Essa operação equivale a fazer do objeto um semblante. Porém, como tudo hoje tem o status de Coisa, tudo vira semblante, é a chamada semblantização do mundo. O sintoma como semblante é um meio pelo qual a pulsão se satisfaz, tanto assim que é muito penoso abrir mão de um, com o qual se fez uma parceria estável. Os rompantes agressivos de um homem ciumento e a constante perda de suas parceiras poderiam fazê-lo buscar análise. Hoje, suas relações têm como prazo de validade esses rompantes, ele troca de parceira a cada ataque, como parte da liquefação das relações que não questiona o sujeito. Podemos pensar o crime dessa mesma forma, claro que guardadas as devidas proporções. Ele pode ser uma resposta do real ao gozo do Outro, não tanto por haver aí um incomodo diante da diferença, mas mais pela insuspeita e intolerável intimidade com seu próprio gozo que, ao ser desnudado, mostra "o teatro mais secreto da pulsão, [...] que isola cada um dos seres falantes na sua parte irreduzível de inumanidade"¹⁶.

¹ Este trabalho foi apresentado na plenária 'O real do século XXI e a violência nos corpos', da XXII Jornadas Clínicas da EBP-Rio, em outubro de 2013.

² MACHADO, O.M.R.; DEREZENSKY, E. (2013). *A violência: sintoma social da época*. Belo Horizonte: Scriptum/EBP, p. 129.

³ LACAN, J. (1998[1948]). "A agressividade em psicanálise". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 117.

⁴ Cf. FREUD, S. (1996[1913]). "Totem e Tabu". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora. IDEM. (1996[1930]). "O mal-estar na civilização". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Op. cit.

⁵ O Grupo de trabalho sobre a violência para o VI Enapol foi composto por: Ondina Machado (coord.), Marcus André Vieira (êxtimo), Ângela Gentile, Flávia Brasil, Gláucia Barbosa, Gustavo Fonseca, Heloisa Shimabukuro, Lenita Bentes, Leonardo Miranda, Maria Lúcia Celestino, Mariana Mollica.

⁶ MACHADO, O. (2013). "A violência urbana nos dias atuais". Disponível em: <<http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Las-Conversaciones-del-ENAPOL/La-violencia-y-el-nuevo-orden/Ondina-Machado.html>>.

⁷ LACAN, J. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 471.

⁸ IDEM. Ibidem.

⁹ IDEM. (1998[1948]). Op.cit.

¹⁰ MILLER, J.-A. (dez. 2004). "Biologia Lacaniana". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 41. São Paulo: Edições Eolia, p. 22.

¹¹ A classificação apresentada neste parágrafo pode ser encontrada em: LACAN, J. (1998[1950]). "Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia". In: *Escritos*. Op. cit., p. 127-151.

¹² MILLER, J.-A. (2007). "Préface". In: *Le cas Landru*. Paris: Imago, p. 7-17.

¹³ IDEM. (dez. 2004). Op. cit., p. 49.

¹⁴ Cf. ELIAS, N. (1994). *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁵ LACAN, J. (1991[1959-1960]). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 140-141.

¹⁶ MILLER, J.-A. (2007). Op.cit.